

## ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA DA COMISSÃO ADMINISTRAÇÃO E SERVIÇOS PÚBLICOS SOBRE "FEIRA DE ARTESANATO" REALIZADA NO DIA 04 DE MARÇO DE 2004.

Às dezessete e trinta do dia quatro de março de dois mil e quatro, realizou-se a Audiência supracitada presidida pelo Vereador Ariosvaldo Figueiredo dos Santos Filho. Vereador Ariosvaldo Figueiredo dos Santos Filho: "Boa tarde a todos! Meu nome é Ariosvaldo. Eu sou presidente da Comissão de Administração e Serviços Públicos e nós vamos abrir uma Audiência Pública para tratarmos sobre a criação de uma feira de artesanato e comidas típicas em Ouro Preto nos moldes da Feira Hippy de Belo Horizonte. Isso aqui foi atendendo ao Requerimento do Vereador Gleiser Boroni que a Comissão aprovou. Eu queria dizer aos presentes que são muito bem vindos. A Câmara Municipal, que é Poder Legislativo, é o poder mais transparente, mais acessível ao povo. A população entra aqui, sai, conversa com os vereadores, entra no gabinete dos vereadores; coisas que você não vê nem no Poder Executivo e nem no Poder Judiciário, que são poderes muito fechados para a população. Talvez, por isso, o Poder Legislativo é tão criticado, é tão combatido porque é um Poder que tem cheiro de povo. É um Poder em que o povo realmente tem acesso, pressiona o vereador. O vereador é um elemento muito pressionado pelo povo na rua, aqui dentro de Casa e essa Audiência Pública é um exemplo. Nós não vemos o Executivo e o Judiciário fazendo Audiência Pública. Mas o Legislativo faz e quer ...Não só faz quanto fica chateado quando vem pouca gente ou quando não acontecem as audiências públicas. Audiência Pública, como o próprio nome fala, é ouvir o povo. É fazer uma audiência do povo. Assim como a Câmara não tem poder de executivo, ela não pode ordenar despesas. O vereador não pode ordenar uma obra, um calçamento, uma iluminação. Ele pode só pedir, também as audiências públicas não têm poder executivo. Elas são usinas de idéias, são tempestades celebrais, não é? Igual o pessoal gosta de falar. É para discutir temas para que os vereadores fiquem bem municiados para fazer propostas para os demais poderes do Município. Então esse é o objetivo dessa Audiência Pública: é nós debatermos bastante, levantarmos bastantes idéias sobre esta proposta de sobre a criação da Feira de Artesanato e Comidas Típicas de Ouro Preto. Eu queria convidar, para compor a Mesa, representando a Prefeitura Municipal de Ouro Preto, o secretário de Agropecuária e Meio Ambiente: o senhor Guilherme Ribeiro. Por favor, senhor Guilherme, nós queremos convidá-lo para vir para a Mesa. Gostaríamos também de convidar, representando a Associação Comercial e Agropecuária de Ouro Preto, o senhor Márcio Abedu. Representando a Fundação Aleijadinho o senhor Vicente. Eu queria pedir aos membros da platéia para ocuparem Plenário, pois têm muitas vagas aqui. A platéia quase que cabe aqui e poderia vir para cá. Essa casa é do povo mesmo, gente! Vamos participar aqui. Aqui tem microfone. Têm mais lugares, viu? Se as pessoas quiserem podem se sentar aqui. Aqui têm vários microfones, o que facilita a participação das pessoas. São dezessete e quarenta e cinco e nós estávamos programados para as dezessete e trinta. Eu vou lhes fazer uma proposta que é o seguinte: nós reservamos vinte minutos para uma introdução. Aí o autor da proposta, que é o Vereador Gleiser Boroni, terá vinte minutos para explicar a proposta e fazer as considerações dele. Depois teremos mais uma hora e meia para o debate, para as pessoas se inscreverem, pedirem a palavra, fazerem comentários, críticas, sugestões e propostas. Depois teremos mais trinta minutos para fecharmos eventuais propostas que surgirem. Aí nós teremos duas horas e quando for dezenove e quarenta e cinco nós estaremos terminando a reunião. Alguém tem alguma proposta diferente? Que mudar o tempo? Alguém quer mudar o tempo? Vinte minutos para a exposição inicial; uma hora e trinta de debate; trinta minutos para o encerramento? Então nós vamos reduzir o tempo de encerramento em dez minutos. Serão vinte minutos para encerramento. O Vereador Gleiser vai abrir mão de dez minutos também da exposição dele. Vai fazer em dez minutos, ouviu Vereador Gleiser? Dez a quinze minutos. Nós seremos flexíveis, se necessário. Então dez minutos para a exposição; uma hora e trinta minutos para debates; vinte minutos para o encerramento. Vou flexibilizar um pouco o tempo dele(Vereador Gleiser), mas quando derem os dez minutos eu lhe avisarei. Então vamos dar início à reunião. Com a palavra o Vereador Gleiser Boroni. Obrigado, vereador!" Vereador Gleiser Boroni: "Excelentíssimo Vereador Ariosvaldo Figueiredo Santos Filho, presidente da Comissão de Administração e Serviços Públicos da Câmara Municipal; senhor Guilherme Ribeiro Pontes, Secretário de Meio Ambiente e Agropecuária de Ouro Preto aqui representando a Prefeitura Municipal

de Ouro Preto; senhor Márcio Abedu, vice-presidente da Associação Comercial de Ouro Preto; senhor Vicente também representando a Associação Comercial e a Fundação Aleijadinho. Senhoras e senhores, boa tarde! O objetivo da nossa audiência pública aqui hoje, é debatermos um tema muito voltado para a cidade de Ouro Preto, mas não tão bem trabalhado o enfocado diante das características que a cidade de Ouro Preto tem. Todos nós sabemos que Ouro Preto, em seus diversos distritos, tem a aptidões na área de artesanato, na área da culinária. Nós vemos sempre algumas tentativas de se criar algo, mas não há uma força tarefa, não há uma concatenação de idéias para que aquilo dê certo. Vemos a Prefeitura fazendo alguma coisa, a UFOP fazendo outra, a Associação Comercial tentando outra coisa, as entidades não governamentais em suas tentativas. Então a proposta de nós usarmos a Câmara Municipal de Ouro Preto é para que todos tenham a oportunidade de darem as suas idéias, fazerem seus relatos, avaliar o que não deu certo no passado para que, nesta nova empreitada, consigamos fazer o melhor possível. Uma Audiência Pública é para prever os pontos positivos e negativos, as vantagens e desvantagens. Então, ao propor o tema "Criação de uma Feira de Artesanato e Comidas Típicas de Ouro Preto" nos moldes da Feira Hippy de Belo Horizonte, é só um tema proposto. Não é uma questão fechada e vocês, que são as partes diretamente interessadas, é que vão formatar esses projetos à luz da Câmara, à luz da Prefeitura e das entidades aqui representadas. A idéia seria muito simples: é pegar o potencial de Ouro Preto em suas diversas modalidades na área de artesanato bem como na área de culinária e criar um local comum. Esse local comum, num primeiro momento, seria um local não se pagasse para entrar. Seria uma praça pública de Ouro Preto que está ociosa sem uma finalidade continuada e criarmos em Ouro Preto um espaço comum onde os artesãos fizessem as suas exposições, mais as cozinheiras e doceiras apresentassem as suas guloseimas, seus doces e, com isso, nós estaríamos criando opções de trabalho, opções de entretenimento para que a família ouropretana pudesse ir a esse local onde quem quisesse comer tinha uma barraca alimentícia; quem quisesse fazer compras a preços módicos diretamente do artesão, sem atravessadores, conseguindo com isso um preço mais acessível. Para as crianças, prevemos também o espaço para se montar uma pequena rua de lazer com pula-pula, cama de bolinhas, algumas coisas que são comuns, mas reunidas atenderiam a todos. Num primeiro momento, pensamos na Praça da Rodoviária por vários motivos: Primeiro que ali é um local por onde passam todas ou quase todas as linhas urbanas da sede do município de Ouro Preto, sendo de fácil acesso para todos aqueles que quisesse sair do seu bairro pudessem chegar a esse local. Outra vantagem que observamos é porque é próximo à Rodoviária. De repente, a Feira de Artesanato que acontece lá na Praça da UFOP, não tem acesso àqueles turistas que vêm a Ouro Preto em ônibus de excursões que param próximo à Rodoviária ou então na Travessa Cristo Rei que faz só aquele trajeto da Rua Padre Rolim até a Praça, pilar, Rosário e adjacências, não chegando até lá embaixo. Estamos sugerindo esse local que é parte alta da cidade e de fácil acesso para os ouropretanos bem como para os turistas. De uma certa forma também tem espaço para estacionamento de carro que é um outro problema que temos que prever quando nos propusemos a fazer algo que ter aglomerações de pessoas. A proposta é desse local e a idéia, em linhas gerais, é essa também. Sabemos que Ouro Preto já teve algumas divergências em relação a feiras. Divergências essas que já passaram pela Câmara e normatizado numa Lei Municipal criando uma série de requisitos principalmente visando resguardar os empregos e o comércio local. Porque, com uma economia globalizada, se uma pessoa vem de fora, tem o curso de transporte e da hospedagem, de uma que pode se perder, consegue colocar um preço barato, nós comerciantes, artesãos, cozinheiros, por que não vamos conseguir esse mesmo preço e sermos competitivos? Para que não haja dúvidas acerca do projeto, o objetivo não é montar um camelograma onde seriam vendidas mercadorias sem nota fiscal, falsificadas, mercadorias que iriam concorrer com o mercado local. Uma coisa tem que ficar bem clara: avaliaremos neste projeto as experiências passada. Sabemos que tais experiências, no global, no atacado, não foram boas para Ouro Preto. Essa é a minha opinião, pode ser que alguém ache que tenha sido bom. A proposta da feira é realmente pegar o pessoal de São Bartolomeu, criando um canal direto para a venda do doce aqui. Pegar também o pessoal de Santo Antônio do Leite para vender o artesanato da prata. Pegar o pessoal do Salto com o artesanato do crochê e outras coisas mais. Pegar o artesanato da taquara de Lavras Novas. Pegar as pessoas que vendem doces e salgados, dando-lhes um espaço para a venda daquilo que produzem. A proposta é valorizar o artesão local de Ouro Preto, assim como os cozinheiros e doceiras locais. Não é uma proposta para as pessoas pegarem seus espaços e depois terceirizarem, venderem e desvirtuar a proposta. Neste sentido, a proposta é valorizar o povo de Ouro Preto. Neste sentido, procuraremos mecanismos para coibir, punindo aquelas pessoas que, porventura, assumam esse compromisso,

caso a feira venha a ser implantada e comecem a vender roupas e outros artefatos que não sejam o objetivo da coisa. Isso tem que ficar bem claro para todos para que não pensem que queremos criar em Ouro Preto algo venha a prejudicar a comunidade local ou o comércio local. Isso é uma premissa que está bem clara para mim. Eu já recebi algumas pessoas preocupadas com essa situação e esse efeito colateral que pode vir a acontecer. No entanto, podemos deixar bem claro e formatado. Como é que podemos fazer isso? Primeiramente, temos aqui a presença da Prefeitura através do Prefeito Municipal que, num primeiro momento, está aqui para ouvir as propostas, colhendo as sugestões para formatar isso. Não é uma questão fechada. Eu já comentei com a Prefeita Mariza a respeito desse projeto. Ela se mostrou simpática com a idéia, mas num primeiro momento, nem aprovou nem reprovou. Temos que ver que se você quer criar algo que não existe, ou quer pegar tudo que existe e está separado, colocando num local comum para a criação de um parque temático, um local de convivência em que, por exemplo, vamos supor, a feira venha a ser montada de sábado para domingo, na madrugada de sábado para domingo, vai ter lá uma barraca de pastel. A pessoa sai lá da festa do CAEM e vai até lá para comer um pastel e tomar uma garapa. Têm pessoas que gostam disso, é uma cultura. Lá em Belo Horizonte tem gente que sai da farra e vai ao Mercado Central tomar uma veja e comer um pastel. Temos que criar essas coisas típicas na nossa cidade também, vendo aquilo que dar certo em outras cidades, criando para nós também. Vejo outro ponto positivo. Uma vez sendo implantada essa feira, iremos criar um turismo local. As pessoas de Mariana, Itabirito, Ouro Branco, Congonhas e adjacências vão passar uma tarde em Ouro Preto e visitar a feira de artesanato. Por isso que tem que ser uma coisa bem debatida, todo mundo colocando os seus pontos de vista, sejam aqueles otimistas ou aqueles pessimistas, ou os realistas. Quer dizer que se você falar alguma coisa você não vai estar contra isso. Está querendo que a idéia seja avaliada para que não se comece um projeto e que ele pare. A Prefeitura, eu acho, que tem um papel determinante neste projeto porque, em primeiro lugar, ela tem que dotar esses espaços com uma infra-estrutura básica, um apoio logístico. Tem que colocar banheiros pois onde há pessoas tem necessidade de haver banheiros para serem usados. Tem que desviar também parte do trânsito. Tem que limpar depois da realização da feira. Tem que colocar um palanque. Na minha idéia mais avançada, vai ter um cantinho para alguém tocar uma moda de viola, sendo que o cara que tocou poderá passar o chapéu para as pessoas darem uma contribuição. Mais para frente, os feirantes acreditando na idéia podem dar-lhe um cachê. Não queremos nada que ira onerar a Prefeitura, sugando-a. O que queremos é um projeto em que a Prefeitura seja parceira e a população, em última análise seja a maior beneficiada, havendo a geração de empregos e que essas pessoas saibam que durante a semana possam produzir seus artesanatos, pois no final de semana terão aquela venda esperada no contexto de algo bem organizado com barracas padronizadas e estilizadas para não montar uma coisa que venha a agredir também o visual porque aquela região do São Francisco de Paula é um ponto turístico de Ouro Preto também. No entanto, podemos, dentro de um projeto harmonioso, ter uma feira pretendida. Precisaremos do apoio da Secretária de Saúde. Hoje a Prefeitura tem uma unidade móvel boa, uma ambulância bem dotada com aparelhos necessários para os primeiros socorros. Também há projeto de se melhorar essa ambulância. Quem sabe tal veículo possa acompanhar a realização dessa feira, caso não esteja atendendo nenhuma emergência. O corpo de bombeiros também poderá estar ajudando para a verificação das barracas que precisam de extintor de incêndio. A vigilância sanitária fiscalizaria as barracas de comida, cumprindo efetivamente as normas da vigilância sanitária. Vemos sempre no Fantástico essas enquetes de verificação da qualidade das comidas que são vendidas na rua, pois muitas vezes elas não atendem as normas higiênicas. Mas aquilo que os olhos não vêem, o coração não sente. Logo você acaba comendo sem saber que, às vezes, não é um produto muito aconselhável. Queremos ter um projeto simplista que procure, ao mesmo tempo, abranger todos esses detalhes. A minha idéia em linhas gerais é esta. Uma vez que debatemos e concorremos que é uma proposta boa. É uma proposta alto aplicável. Para a montagem disso é necessária a união de todos aqui, abraçando a idéia, começando de uma forma experimental. Depois funcionaria de uma forma efetiva. Tenho procurado, enquanto vereador, observar o que tem dado certo em outras cidades e trazer para Ouro Preto idéias simplistas que, apesar de uma resistência inicial, venha a se consolidar ao longo do tempo. Tenho a experiência do Restaurante Popular que é uma proposta que busca beneficiar as pessoas que realmente precisam, mas não impede de que as pessoas possuidoras de condições boas vão lá fazer suas refeições. O projeto está sobrevivendo. A verba da Prefeitura acabou e hoje ele está sobrevivendo. Passou para R\$ 2,00 (dois reais). Têm algumas pessoas que criticam. A crítica é legítima, principalmente aquela que é construtiva. Mas a coisa está fluindo. Uma outra

idéia simplista propõe a farmácia do povo que está começando agora. Procuramos fazer projetos em que o Executivo possa ser incorporado sem muitos gastos. Esse projeto também, acreditamos que se vocês concordarem e com os apoios mínimos dos poderes constituídos, conseguiremos criar um espaço comum em Ouro Preto. Pegaremos todos aqueles que vendem seus produtos e fazem suas artes, criando um espaço comum. Quem sabe, com a própria economia local, já tem um grande parceiro. Depois virão os turistas e Ouro Preto poderá estar divulgando isso regionalmente para que as pessoas venham, se hospedem em um hotel, almoçem em um restaurante, usem os táxi, tenham o trabalho do guia e visitem essa feira. Essas são minhas considerações iniciais." Vereador Ariosvaldo Figueiredo Santos Filho: "Vamos passar agora para a fase de debates de uma hora e meia. As pessoas que quiserem falar podem se inscrever. Dr. Márcio estava inscrito. Ele é o primeiro a falar. Logo em seguida, será o Vicente." Dr. Márcio: "Boa noite a todos! Boa noite aos vereadores Ariosvaldo e Gleiser. Estou aqui representando a Associação Comercial. Gostaria de comentar sobre a exposição que foi feita da idéia dessa feira. Primeiramente, precisamos dizer o seguinte: Já existe uma Feira de Artesanato que está funcionando há algum tempo. É aquela que existe na Praça de Estacionamento da universidade. É uma feira que funciona de quinze em quinze dias. O Vicente que está aqui pode explicar melhor com o que ela vem funcionando. Se ela está ou não atendendo o objetivo, ele está mais capacidade a explicar do que eu. Mas já é uma feira parecida com essa que se está pretendendo criar que é uma Feira de Artesanato que também tem a parte de comida. Quando se fala em feira de artesanato e comidas, como fora dito, temos que especificar que seria artesanato, expositores, artesãos do local e comidas de pessoas daqui. Essas coisas, às vezes, começam muito bem e com objetivos muito nobres e louváveis. Contudo, com o tempo, não havendo controle e nem fiscalização a coisa se expande começando a ter outros tipos de mercadorias, começando a vir pessoas de outros lugares. Logo acaba se tornando um problema muito grande. Essa feira, que tem lá em Belo Horizonte, é uma coisa monstruosa. Ela cresceu e eu acho que extrapolou a questão de artesanato e a questão de comida. Hoje acho que eles vendem praticamente de tudo lá. Vendem filmes fotográficos, roupas, calçados. Logo é preciso muito cuidado com essas questões. Nós não somos, como entidade de classe dos comerciantes, contra nenhuma feira que vá beneficiar as pessoas daqui. O que nós não gostaríamos de ter é uma feira totalmente sem controle que possa vir a vender outras coisas que não o artesanato. A questão do local realmente tem que ser muito bem estudada porque o local tem que trazer conforto não só para os expositores como também para os visitantes locais são os moradores e os turistas. Porque, se essa feira puder atender não só o local como os turistas, acho que tem tudo para ser um sucesso. Eu gostaria de fazer uma explicação sobre uma idéia que nós tivemos a mais tempo. No princípio pode parecer que foge um pouco da proposta da feira, mas não. É sobre a questão da rua São José. Nós fizemos, há uns três anos, uma proposta analisando a questão da rua e vendo que ela é um transtorno muito grande para o trânsito de veículos e o trânsito desses. Além de ter um trânsito muito grande de pedestres no meio dos carros. Nós fizemos uma proposta de se fazer um teste, uma experiência de retirar o estacionamento da rua São José deixando somente o trânsito fluindo e as pessoas se movimentando sem os carros atrapalhar. Mas, infelizmente, a coisa foi mal recebida e mal interpretada por algumas pessoas. Acabou que nós, para não criarmos problemas, deixamos a idéia adormecida. Mas a proposta na época era a retirada do estacionamento permanentemente, ou seja, ao longo da semana inteira. No final da semana, poderia aproveitar para fazer uma espécie de um espaço para a exposição de artes e artesanato dos artistas locais, dos pintores, dos artistas plásticos, apresentações teatrais e musicais. No final de semana, fechariam o trânsito não só do estacionamento, mas fecharia o trânsito. Como a idéia não foi para a frente porque alguns entenderam mal, a coisa ficou adormecida. Eu acho que é hora, com essa oportunidade da idéia da feira, considerarmos ali como um possível local para isso. Agora estou falando no nível pessoal. É lógico que teríamos que consultar também as pessoas que moram lá e os comerciantes. Como o comércio, normalmente, fecha aos sábados e aos domingos, acho que não teríamos muitos problemas. Eu penso que não atrapalha nada. Pelo contrário, acho que só vem a beneficiar. Recentemente, nós trouxemos aqui o maestro responsável, em Diamantina, por aquelas vespertatas. Não sei se alguém já assistiu a essas vespertatas de Diamantina. São bandas em que os músicos ficam nas sacadas e o maestro ficam lá embaixo na rua. As pessoas ficam nas mesas. Eles fazem apresentações que são denominadas vespertatas. É uma coisa muito bonita. Eu estive lá no ano retrasado e vi que era algo muito interessante. Nós trouxemos há uns quinze dias ou vinte o maestro que é responsável por isso em Diamantina. Lá tem uma escola de música para os jovens e eles fazem essas apresentações. Não é a questão de se fazer uma vespertata aqui, simplesmente copiando a coisa de Diamantina,

mas sim fazer um negócio parecido. Lá na cidade de Serro tem um que eles chamam de boierata, que é mais ou menos a mesma coisa. Poder-se-ia juntar essa idéia de apresentações desses músicos nas sacadas junto com essa questão dessa feira de artesanato. Seria uma sugestão para estudo de um local ali na rua São José. Quais são as vantagens da rua? Esse maestro gostou muito. A rua é fechada e possui uma acústica muito boa, pois para se tocar nas sacadas é necessário ter uma acústica para o som não se espalhar. É fácil se fechar a rua porque ela só tem duas entradas. Se precisar de, porventura, controlar o fluxo de pessoas que entram e saem é fácil. Está no centro histórico, sendo um atrativo para o turista. Não sei se na Praça da Rodoviária ou na Praça da Estação seria o mesmo atrativo. O turista gosta é do centro histórico, das casas antigas. Se a idéia atender também ao turista, eu acho que é um ponto mais central em se tratando de um rua do Centro Histórico seria mais atraente. É um lugar que já têm comércio, lanchonetes, bares, banheiros e inclusive um prédio da Associação Comercial que poderia ser, como já vem sendo para muitas iniciativas dos artesãos, um centro de apoio e de controle até para a própria polícia ter alguma coisa ali. São essas as minhas idéias e meus comentários iniciais. Eu passarei a palavra para o Vicente dar explicações sobre a Feira que eles têm feito na Praça da Universidade. Muito obrigado!"

Vicente: "Boa noite! Meu nome é Vicente. Faço um trabalho através da FAFA desde mil novecentos e noventa e cinco de coordenação e fortalecimento de núcleos setoriais. Em dois mil, transferimos esse trabalho de núcleo setorial para a Associação Comercial. Ano passado, tivemos a oportunidade de, dentro da Associação Comercial, além de outras vários núcleos, temos o núcleo de artesãos que foi criando em abril de mil novecentos e noventa e nove. Por solicitação de parte desse grupo, sentimos a necessidade de expormos os nossos trabalhos. Pensamos em fazer essa feira no estacionamento da Universidade com a parceria da PROEX. Como foi falado aqui de uma feira nos moldes de uma feira de Belo Horizonte. Nós também, quando começamos a pensar nessa feira, pensamos na feira de Belo Horizonte. O que nós fizemos. Tiramos uma comissão. Temos aqui o Ziel, representando a PROEX, mais Toninho, presidente da Associação Comercial. Começamos a ir a Belo Horizonte e procuramos ver com a gerência da feira de Belo Horizonte para vermos os prós e os contra. Em cima dessa discussão, de vários momentos que tivemos, criamos o regimento interno da nossa feira. Acho que qualquer proposta de feira que será feita em qualquer cidade, principalmente em Ouro Preto, tem que possuir um regimento interno. (virou-se a fita)...visando ganhar mais. Com isso esse regimento protege o verdadeiro artesão. Eu, particularmente, que sou um dos coordenadores desse trabalho lá embaixo, escutei no rádio essa chamada. Eu fiquei em feliz em saber que mais uma vez eu tive a oportunidade de participar de uma outra audiência pública nessa Casa discutindo o santo artesanato que é uma outra proposta que foi feita. Uma outra coisa que como coordenador eu tenho que deixar registrado e eu tenho este com o artesanato desde de noventa e seis. Tive a oportunidade de estar no sul do Brasil e ver como é que está desenvolvendo lá o Projeto Empreender com a parceria do governo alemão e Ouro Preto talvez, talvez não, com certeza, por ser a maior cidade turística do estado de Minas Gerais, talvez uma das maiores cidades turísticas do país, nós artesãos temos essa dificuldade muito grande. Nós não temos nosso local de exposição. Se um de vocês puxarem um ou dois anos, eu assumi um ateliê no São Francisco de Assis. Era um grupo muito reduzido de dez pessoas, mas Ouro Preto precisa de um grupo maior. Eu queria dar um depoimento com relação a essa feira nossa lá de baixo. O maior complicador nosso é o acesso ao turista. Temos feito uma divulgação, uma propaganda, mas isso não está sendo suficiente para levar o turista lá em baixo. Quando teve essa chamada, eu, por estar fazendo um trabalho na Associação Comercial, tendo conhecimento desse projeto que o Márcio, através da Associação Comercial, já tinha trazido inclusive aqui na Câmara para se estar discutindo, tomei a liberdade de estar conversando com o mesmo pedindo-lhe que quem sabe não conseguimos fazer. Quem conhece sabe o que vou falar. Exemplo: Em Porto Seguro tem a passarela do Alcól; fazer na rua São José a Passarela da Cultura. A nossa proposta inicial seria que depois do meio-dia dá vida à rua São José e o que tiver em Ouro Preto, a nível de cultura e de arte, levar para lá, fazendo um trabalho legal. Acho que Ouro Preto, eu fico muito triste quando converso com Fabinho e gostaria, ele não está aqui presente, de registrar que ele é um velhinho que muitos de vocês conhecem. Ele tem quase oitenta anos e é um grande escultor que está lá com problemas de depressão porque não tem onde vender o produto. Nós como líderes, eu sou aposentado e tenho uma preocupação muito grande com isso. Acho que Ouro Preto precisa de acordar neste sentido. Precisa criar um espaço legal que nos dê condições de vender até podermos, num futuro esperamos que a Câmara vá nos ajudar a fazer isso num futuro mais rápido possível, um local coberto. A nossa feira, nós estamos penalizados desde de dezembro porque o clima não nos permite expor os nossos trabalhos. E preciso que alguém nos

ajude urgentemente a solucionar neste sentido para podermos ter um espaço que, no período de chuva, possamos desenvolver nossos trabalhos. É isso que eu queria falar, parabenizando a Câmara na pessoa do Vereador Gleiser. É isso que nós estamos precisando dentro de Ouro Preto: ações que vão de encontro à ansiedade da comunidade." Afonso Bretas: "Boa noite a todos! Eu também fiquei muito satisfeito quando ouvi a chamada para essa reunião e entendi que realmente precisamos dessa feira aqui. O Vereador Gleiser citou, como espaço inicial, a Praça da Rodoviária. Já aconteceram feiras lá em outras ocasiões e eu entendi que ali o espaço tem amplitude, mas não daria certo porque o turista passa de carro em alta velocidade e vem para a cidade. Passa lá em alta velocidade e retorna à cidade dele. As pessoas descem do ônibus, passam pela feira, vêm à cidade e compram. Passam pela feira, entram no ônibus e vão embora. É muito complicado. O turista não pára ali e não enche a bolsa ali para ficar andando com peso dentro da cidade. Eu entendo que o que há de positivo ali é só o espaço mesmo. Em outras ocasiões já aconteceram exposições lá e eu mesmo já fiz exposição no adro da Igreja de São Francisco há muito tempo quando feiras e lojas ainda eram poucas, isso dava certo. Hoje não dá mais. Eu entendo que há outros espaços aqui que poderiam ser utilizados. Por exemplo, tem o espaço em frente ao Teatro Municipal que tem toda a rua que liga a Praça Tiradentes à rua Costa Sena que poderia ser usada. Tem também, acho que seria o mais viável, daria uma feira realmente bonita, que seria a rua São José. Essa sugestão já foi dada por muitas pessoas. O que eu tenho para falar é só isso. Eu sempre sonhei que Ouro Preto poderia ter uma feira aqui da Rua Direita até o Rosário. Uma grande feira mesmo com critérios rigorosíssimos em que não pudessem vender filmes, cartão-postal, camisetas de lojas. Seria o artesanato simples de Ouro Preto. As pessoas se apresentando na rua: Viola de Folia, a banda, os artistas. Ouro Preto perdeu um monte de coisa porque não temos mais isso. Não temos o Grupo Palco e Rua. Podia fazer dando uma contribuição na feira. O artesanato daqui está sendo todo exportado para outras cidades porque vendemos o nosso artesanato em outra cidade. Não vende aqui. Mas é porque as pessoas, eu não vou citar nomes, porque isso é uma coisa perigosa que você acaba injustificando muita gente, mas as pessoas que têm lojas têm medo da feira. Nós somos livres para entrarmos numa loja ou numa feira. As pessoas só compram o que lhes agrada. Agora, muita gente não compra o que lhes agrada porque não vê, não está nas ruas. Nós não temos os olhares de vários empresários noroeste para expormos os nossos trabalhos nas lojas deles. Eu entendo que seria bacana Ouro Preto ter nohaude para isso, sem prejudicar ninguém, fazer uma feira da rua Conde de Bobadela ao Largo do Rosário. É só isso e muito obrigado pela atenção de vocês." Vereador Ariosvaldo Figueiredo Santos Filho: "A palavra está livre, pois não há ninguém inscrito." Sr. Gérson: "Boa noite a todos! Eu gostaria de congratular com a Câmara Municipal de Ouro Preto, especialmente ao autor do projeto, o Gleiser Boroni. Realmente Ouro Preto está precisando de uma feira assim. Eu tive a experiência, eu e minha esposa, quando estávamos viajando, ela não pode ver uma feirinha que pára. Ela passa o dia inteiro na feira. Eu gostaria até de ver com o Vicente se não haveria a possibilidade, já que eles já implantaram essa feira e já têm uma certa experiência inicial, quem sabe até poderiam contribuir e unificar essa feira. Sem dúvida alguma, Gleiser, eu vejo o local da rodoviária como o melhor local. Por quê? Porque não vai ter problemas de trânsito. Ouro Preto é uma cidade em que nós temos um problema muito grave com relação ao trânsito. Se me permite o nosso amigo Bretas discordar, o problema é o seguinte: a pessoa não vai ali é porque não tem nada naquele local. A partir do momento em que se tenha uma feira com aquelas barracas padronizadas e bonitinhas, principalmente, se colocar placas indicativas "visitem a feira de artesanato de Ouro Preto" sem dúvida alguma, eu não vejo outro lugar melhor do que aquele. Acho que é muito importante esse projeto não só para o turista, mas principalmente para nós de Ouro Preto. Para tirar base, Vereador Ariosvaldo, na minha cidade tem uma feirinha. Olha que a minha cidade é um lugar pequenininho. O que é preciso discutir é a questão das mercadorias que vão ser vendidas na feira. Eu acho que isso é motivo de preocupação. Nós temos hoje uma região muito rica que é Santo Antônio do Leite que é a fábrica de prataria e somos riquíssimos em matéria de pedra sabão. Agora, o que não se deve deixar nesta feira é produto industrializado. De preferência só produtos artesanais. Portanto, meus parabéns. Eu apoio, sem dúvida alguma, o local porque ali não vai ter interferência com o trânsito. Ali é muito pouco intransitável. Comecem com pequenas quantidades de barracas e, se Deus quiser, vai dar certo e poderemos futuramente estudarmos uma área para expandir mais a feira. Muito obrigado pela parte, Ariosvaldo!" Efigênia: "Boa noite! Eu gostaria de só complementar que essa feira para nós seria super importante porque há muitos artistas dentro de Ouro Preto que ficam escondidos e o trabalho deles é maravilhoso. Quando pegamos um turista para ver um trabalho no artesanato que está escondido lá no morro,

esse turista fica maravilhado. Acho que não pesaria para o comércio de Ouro Preto uma feira desse tipo, desde que realmente se venda a prata da casa. Dizendo ao Márcio, nós temos muitos músicos em Ouro Preto que tocam maravilhosamente bem e que poderiam, de vez em quando, estar nas sacadas das casas fazendo um recital que os turistas gostam muito. As serenatas. Vemos quando saímos com um grupo de serenatas pela rua que é uma felicidade muito grande do turista que vem de fora ver essa serenata. Nós temos danças típicas da nossa cidade que estão esquecidas como a Dança de Chico Rei que há muito tempo não é feita na cidade. Temos várias danças, inclusive a afro que é muito bonita e pode ser mostrada na cidade como lá em Salvador, como em Porto Seguro. Em Porto Seguro, existe essa feira. Meu filho trabalhou lá por algum tempo e eu conheci essa feira e ela é maravilhosa. O turista chega lá e compra. Compra no comércio também dos lugares. O turista que compra no comércio não é o mesmo que vai comprar um pano de prato bordado a mão de uma pessoa às vezes humilde. Isso seria muito bom. É muito bem vemos pessoas dentro dessa Câmara hoje lutando para que tenha mesmo um espaço do artesão. Nós temos pessoas que fazem cartões de natal. Há pessoas que fazem comidas típicas. Atualmente até o Orabo Nobilis virou moda, que antigamente, era uma folha que era jogada de qualquer maneira. Hoje ele já é prato típico da cidade. Virou até festival. Há pessoas que sabem cozinhar muito bem, mas ficam escondidas no guetos. Eu acho que esse projeto é maravilhoso desde que o artesão, o artista de Ouro Preto possa participar disso pois isso é válido e o espaço seja na Praça da Rodoviária, seja na Vila São José, tenho a certeza de que não vai tirar o espaço do comerciante de Ouro Preto de ganhar dinheiro. Em vez daquela feira que veio de Petrópolis, essa feira realmente começou a prejudicar os comerciantes que pagam impostos, mas acho que o artesanato local não vai tirar o direito do comerciante de ganhar o seu dinheiro. Seria direito de todos, pois na Constituição está escrito que todos são iguais perante a Lei. Se todos são iguais perante a Lei por que é que a Dona Maria lá de de Santo Antônio do Leite que faz um doce gostoso não pode vendê-lo. Acho que tudo tem seu tempo e sua hora. Se essa feira vingar, parabéns a você e ao Vicente e a todas as pessoas que têm lutado pela comunidade." Neide Penna: "Eu sou feirante da feira de Belo Horizonte já tem cinco nos mais ou menos porque eu vou a Belo Horizonte todos os domingos. Há outra colega também, a Zélia. Nós fazemos essa travessia. A feira de lá, hoje vemos que, apesar dela ter um regulamento, ela deturpou muito. Há vários atravessadores. Temos mercadorias que vêm até de outros estados e o que aconteceu que quem tem uma produção menor não tem condições de estar competindo. Quando você tem um trabalho artesanal, há muitas pessoas que têm um trabalho parecido, mas que já é um trabalho industrializado. Temos que procurar resguardar realmente para que o artesão que vende o produto dele. Além de estar trabalhando a questão da economia do país, sabemos que ela circula de uma maneira muito informal. Esses pequenos artesãos, essas pequenas indústrias, esses pequenos produtores movimentam a economia desse país. Acho que devemos ter muito cuidado com isso. Outra questão levantada e que não está definida, é o espaço. Temos a feirinha que estamos fazendo na praça da UFOP. Temos realmente essa questão de que é uma coisa que está na mão do turista. Não adianta fazermos uma feira para o consumidor local, porque vemos que Ouro Preto, como todo o país, passa por uma crise econômica muito grande. Ouro Preto deve muito turista e há outras cidades que estão passando na nossa frente em desenvolvimento e em apoio em questão da limpeza da cidade. Outro dia mesmo teve um colega vindo de Diamantina para cá, passou dois dias de carnaval lá e chegou aqui e me falou da diferença. Diamantina tem um turista classe A. A coisa lá está desenvolvendo, o pessoal está realmente usufruindo do turismo. O que se pode fazer em Ouro Preto para que a coisa desenrole de uma maneira melhor do acontecido. A questão do espaço, eu acho que deve ser um espaço central. Todas as experiências de que já tivemos, a rua São José eu acho ótima. Teve uma experiência aqui na Praça Tiradentes, não sei se vocês se lembram, que os bares aqui colocavam mesinhas. Tinha um grupo de música que passava tocando. Isso era uma tarde só. É uma coisa linda que existe em várias partes do mundo. Inclusive na Europa acontece isso de artistas e artesãos estarem juntos por uma tarde. Os comerciantes poderiam estar pondo mesinhas nas ruas, esse tipo de coisa. Por que a Praça Tiradentes pode ser um estacionamento grande e não pode ser um ganha pão? Sabe, com tanta crise que se tem neste país, com tanta gente produzindo alguma coisa, só falta um espaço para expor. Tem muitas senhoras, jovens que podem estar desenvolvendo essa parte das habilidades artesanais, colocando os seus produtos no mercado. Por que não numa área central? A praça pode ser estacionamento e não pode ser uma tarde de lazer? Este é outro espaço que tem de ser pensado. Acho que o artesanato de Ouro Preto tem uma característica sim. Tem as pessoas que trabalham com isso e nas lojas são colocados também, além do artesanato que é produzido aqui o artesanato de outro lugar. Então

acho que não há uma concorrência. Acho que a questão do espaço tem que ser olhada com muito carinho e o regimento com muito cuidado para que não haja atravessadores e que não venha gente de Belo Horizonte e de outros lugares com mercadorias que vão competir com o comércio local e que vai gerar empregos diretos e indiretos. Acho que tem que ser uma coisa que temos que olhar com muito cuidado e carinho, pois artesão temos bastante. Essa questão estar partindo do poder público é muito importante porque realmente é ele que tem que direcionar e estar vigilante com todas essas coisas. Tem que ter uma feirinha bonita porque uma feia já temos aqui no centro. Quando estamos na Secretaria de Turismo e olhamos aqui lá, dá medo. Está muito feio aquilo ali e eu acho que isso tem que ser olhado com muito carinho também porque dá emprego para muita gente, mas poderia ser uma coisa muito mais bonita e organizada. Eu não sei se seria interessante estar juntando todo mundo que trabalha na feira de São Francisco numa tentativa de feira que está saindo de dentro da Prefeitura quanto essa da UFOP que estamos fazendo. Seria interessante estarmos juntando todos num espaço só. Eu acho que só de estudo dessa questão, temos muito pano para manga." Vicente: "É só para cumprimentar o Gerson. Na fala dele, ele citou a possibilidade de usarmos um pouco da nossa experiência da Feira do Proex nessa nova possibilidade de feira. Foi até oportuno porque ontem tivemos a oportunidade de fazermos a reunião com dois segmentos que estamos fazendo na Associação Comercial que é o Núcleo Setorial de Artesão de Ouro Preto e posteriormente a feira da Proex. Acho que, felizmente, ficamos muito à vontade para estarmos falando disso. A consciência do grupo todo porque Ouro Preto precisa se preocupar em estar sempre somando. Tudo que tivermos e pudermos agregar positivamente para Ouro Preto, independente de qualquer que seja o segmento que vai ganhar, é Ouro Preto, é quem mora em Ouro Preto. Quando, na minha fala, eu disse que tivemos em alguns momentos em Belo Horizonte buscando informações do que seria e como fazer uma feira nos moldes da feira de Belo Horizonte, foram criadas algumas regras que, para nós que já temos alguns meses, inclusive nesta feira da Proex, já fizemos uma emenda em nosso estatuto para estarmos melhorando a qualidade do nosso regimento. Acreditamos que já caminhamos alguns passos positivamente. A nossa comissão, a nossa equipe, queremos mudar, queremos fazer junto. Estamos abertos. A questão do local, até para tentar clarear um pouco as idéias, com essa questão é que estamos muito preocupados porque fizemos um bazar no Centro de Convenções no mês de dezembro. Fizemos dez mil filipetas, fizemos um corpo a corpo na divulgação, fomos pessoalmente nos restaurantes e hotéis e divulgamos e fizemos uma pesquisa. Infelizmente, escutamos nessa pesquisa que colegas nossos que trabalham com turistas em Ouro Preto, falaram para não visitar a feira porque não é legal. Logo temos essa dificuldade. Num primeiro momento, gostaríamos de ter um espaço em que o turista chegue e nos veja. Acho que isso é extremamente importante para nós. Quando trabalhamos a questão da cultura, por exemplo, felizmente, eu estou muito próximo disso porque tenho um filho que é cantor lírico e eu acho que quando você tem um instrumento acústico, dá uma qualidade muito grande. Não sei se vocês se lembram de um bazar que nós fizemos de natal na Associação Comercial na rua São José. Na Associação Comercial, usamos a sacada com a participação, parece-me de cinco corais de Ouro Preto. Foi a coisa mais linda com os corais Novo Horizonte, da Universidade, da Escola Técnica e o coral do pessoal da terceira idade. Eu acho que se tem um espaço que está ocioso principalmente, no final de semana à tarde, por que não fazemos uma tentativa? Vamos começar a usar esse espaço para vermos se a coisa funciona. Acho importante que vocês reflitam dessa forma. Muito obrigado!" Rosângela: Para quem não me conhece, eu sou coordenadora do Grupo Galope que representa trinta lojas de Ouro Preto. A preocupação nossa não é com o artesanato, de forma alguma. Nós somos comerciantes e sabemos da importância de todos. Nós não temos uma preocupação com o artesão de forma alguma. Nós queremos que todos tenham a mesma oportunidade. A nossa preocupação é exatamente com os critérios que serão adotados para que não vire uma bagunça descontrolada porque sabemos que a fiscalização, já tivemos outros problemas aqui, deixa a desejar. Então, para que não vire futuramente, pois no início é tudo muito lindo e muito maravilhoso. Torcemos para que seja bonito e maravilhoso, mas de forma correta porque não é justo que nós, que estamos aqui aplaudindo uma idéia, e que amanhã traga dor de cabeça para todo mundo. Nós sabemos, que na Feira Hippy lá em Belo Horizonte, hoje se encontra de tudo. Desde produto pirateado que é crime a todo tipo de produto. O que nós queremos resguardar para os artesãos aqui da cidade que seja uma feira regional e que não venham aventureiros de Belo Horizonte, como temos visto acontecer demais de Belo Horizonte e de vários outros lugares. Como se diz: vêm para cá para tomar o espaço nosso, de vocês, do artesão ouropretano, do artesão da região e do lojista de Ouro Preto também. O que nós não queremos é isso: pessoas que chegam aqui para aproveitar, os



oportunistas. É isso que não queremos. O que queremos é realmente é oportunidade sim, mas para o artesão de Ouro Preto e que não venham amanhã, pegam uma calça jeans, totalmente industrializada e colocam um a florzinha de fuxico. Quem mexe aqui com artesanato sabe disso. Põem uma florzinha de artesanato de fuxico, e a calça já é artesanato. Se colocam uma flor com uma pétala: é artesanato. Não. Acho que o critério para colocar as pessoas, credenciar, o controle do credenciamento do controle do artesão é fundamental. A fiscalização futuramente do que for vendido lá porque nós tivemos problemas aqui. Não tem muito a ver uma coisa com outra, mas sabemos que a fiscalização é falha. Há de se ver hoje a rua São José. Você tem que estar descendo do passeio, correndo risco de ser atropelado porque tem gente vendendo celular, sombrinha, guarda-chuva de tudo. Não há o mínimo de fiscalização. Não por falta de interesse dos fiscais porque as condições de serviço desses são precárias. Eles querem fazer o trabalho deles, mas às vezes eles não têm um veículo para irem aos locais para apreenderem a mercadoria. Eles não tem condições para isso. Quem passa pela rua São José sabe que estou falando a verdade. Você esbarra nas mercadorias e tudo é pirateado. Antes que vire um Paraguai, acho importante que se tome esse cuidados. A idéia da feira é excelente e todos têm que ter as mesmas oportunidades, mas que seja uma coisa que usa critérios sérios para não virar bagunça. Caso contrário pode resolver um problema, mas criar outro. Quando isso acontece, equivale a dizer que não se resolveu um problema. Acho muito importante esse critério no credenciamento das pessoas, do artesão e do que vai ser vendido lá. Quem mexe com artesanato sabe disso: que se compra uma blusinha de um determinado valor, coloca uma florzinha e é artesanato. O artesanato em si, todo mundo aprecia, mas não o produto industrializada com cara de artesanato. Esse cuidado é o único de que gostaríamos que tivessem. O critério para as pessoas que vão participar, os expositores e o que vai ser vendido lá. Essa é a nossa preocupação. Nós não temos nenhuma concorrência com o artesão local. A nossa preocupação é com o que vai ser vendido lá." Eusébia: "Tenho vinte e sete anos de feira e todo domingo, fazemos isso. No ano, se eu passo uns cinco ou dez domingos em Ouro Preto, para mim é muito. Só em caso de doença ou se eu tenho que fazer alguma viagem, mas é sempre BH. Agora, eu acho que se não arrumarem um local para os feirantes... Eu não fico preocupada em dizer quem é artesão ou não. Ouro Preto tem muitos e bons artesãos, deixando também aqueles que estariam iniciando, pois acho que tem que ser dada uma oportunidade porque o artesão não faz só uma coisa. Quando você vai fazer uma inscrição, na minha casa todos são artesãos. O artesão não é unido, cada um se preocupa mais em olhar. Temos que fazer uma excelente feira, mas uma feira onde o público esteja passando. Essa idéia da rua São José ou da Praça, eu acho que realmente funciona. Podem procurar outro lugar, mas eu acho que não dá. A fiscalização é importante e realmente tem que haver. Tem que ser o próprio artesão que vai olhar o trabalho, não outra pessoa. Tem que haver critérios, pois aqueles que vendem celulares, sombrinhas e guarda-chuvas não só artesãos.(Trocou-se a fita) Do jeito que o Brasil está atravessando, eu acho que é importante vender porque todo mundo tem que trabalhar para sobreviver, sendo que as coisas estão muito difíceis. É melhor ele estar vendendo o guarda-chuva, o celular do que ele estar assaltando o turista ou qualquer coisa assim. Essa é minha opinião. Só digo uma coisa: se querem realmente fazer, acho que vocês têm que olhar onde se vai fazer isso, indo aonde tem turistas porque público aqui em Ouro Preto não compra muito artesanato. Se vier de Belo Horizonte, Rio de Janeiro ou São Paulo eles vão. Vocês podem ver aquelas feiras de roupa que vinha de Petrópolis e São Paulo. Inclusive pessoas da feira de Belo Horizonte. Se estão querendo realmente fazer, façam onde o artesão possa vender o produto porque fazer uma feira bonita com barracas padronizadas, só para o artesão ficar olhando um para o outro e não vender nada, realmente ele vai acabar desistindo. Se querem fazer, realmente, procurem a rua São José ou a Praça Tiradentes. Outro local eu acho meio devagar." Vicente: "Vou tentar responder ao pessoal do Galope, principalmente eu que faço um trabalho dentro da Associação Comercial, acho que essa preocupação tem procedência e nós também temos essa preocupação. Quando começamos essa feira da Proex, começamos a pensar várias formas de fazê-la. Acho que uma forma que está dando certo para nós lá é a que nós criamos depois de um cadastro de uma chamada que teve, na época no Centro de Convenções. Acho que deu cento e setenta artesãos. Pegamos essa lista e buscamos contato com todos para uma reunião e essa comissão que, a princípio estávamos eu, pela Associação Comercial e o Uziel, pela Proex, falamos que a quem chegava à reunião que era o início de um trabalho. Depois eles não têm interesse de continuar debatendo. Falar que se faz uma feira é muito fácil, mas isso é extremamente complicado, principalmente em época de crise em que não se está vendendo. O regimento mostra a hora em que se está ou não vendendo. O nosso regimento é dessa forma. Eu acho que a preocupação com a

fiscalização é extremamente importante, senão você fica com dificuldade para trabalhar feira no decorrer do tempo. O que fizemos? Tiramos uma comissão que faz uma avaliação na ficha de cadastro. Caso não se conheça naquele momento o artesão, tem muita gente aqui que sei que é artesão e nem precisa ir à casa deles para ver o produto que ele faz. Fazemos uma aprovação e autorizamos as pessoas a estarem participando da feira. Em se tratando de sugestão, acho que essa feira para dar certo, precisa disso. Cria-se uma comissão para fazer análise dos cadastros existentes e autoriza ou não. O que fizemos lá na Proex? Essa comissão tem a participação de uma entidade interessada, no caso a Proex. Eu acho que poderia também, como órgão que trabalha a área do comércio de Ouro Preto, de repente, um membro desse órgão para nos ajudar a nível de comissão. Eu estou até sendo pretensioso demais, vocês estão até vendo que eu estou até me colocando nesta comissão. Eu já trabalho com muita coisa, mas há a nossa preocupação em estar contribuindo para ajudar a comissão a fazer a análise do produto. Já vivenciamos esse tipo de problema que ela citou de colegas nossos que já deram um "jeitinho" de levar o produto. É importante que se venda produto, mas se tem um regulamento, coloca-se a penalidade na hora. Então é preciso que isso aconteça para a bola de neve não crescer, pois com certeza isso vai acontecer. Acho importantíssimo demais essa comissão." Alguém que não se identificou: "Acho importante que se crie a feira primeiro, fazer o cadastro, a feira para depois começar a preocupar. Acho que é importante isso." Sandra: "Sou presidente do grupo que trabalha junto com a Associação Comercial. Temos trabalho e temos algumas experiências, além de ter vivenciado algumas experiências. De certa forma, somos até discriminados dentro de Ouro Preto como artesão. O nosso objetivo, quando foi criado a feira, a maior preocupação nossa é que a feira de artesanato não vire indústriano, porque, se isso acontecer, nós perdemos espaço. Acho que o maior interessado que não entre na nossa feira o indústriano é o próprio artesão. Quando isso acontece ele é desvalorizado. A indústria é uma competição desleal com ele. Acho que a preocupação de todo artesão primeiro é essa. Deve ser uma feira organizada e que tenha espaço legal, conforme já foi sugerido. A rua São José, eu acho que é excelente. O Vicente já citou que nós fizemos algumas apresentações lá na Associação Comercial que foram favoráveis e chamou a atenção atraindo muita gente. Essa feira tem que ser bem estruturada. A comissão deverá avaliar todo o trabalho, pessoas que tenham conhecimento para avaliar para não sermos desleais com ninguém. Devemos valorizar realmente o artesão, aquele que está em casa e não tem espaço, assim como aquele que mora no interior e também tem dificuldades em escoar a sua produção. Nós passamos, neste último ano, pelo Sebrae artesanato que foi para valorizar o que encontramos em Ouro Preto. Participamos disso um ano inteiro desenvolvendo um trabalho que foi apresentado aqui na Casa. Esse trabalho buscou valorizar o que nós temos de bonito em Ouro Preto. A idéia da feira é muito boa, já que não temos lugar para expormos. Isso também deve ser unificado porque já temos algumas tentativas. Juntos temos mais força para buscarmos um espaço melhor, assim como uma estrutura melhor para desenvolvermos nosso trabalho. É louvável a participação da Câmara Municipal de Ouro Preto. Inclusive a própria Prefeitura fez há dois meses um cadastro de todos os artesãos, inclusive os da região de Ouro Preto. A rua São José é um espaço a ser considerado, pois há espaço para os artesãos, para as lanchonetes e para os músicos, pois precisamos valorizar a cultura em Ouro Preto. O artesanato convive muito bem com a cultura. É imprescindível que tenham shows numa feira de artesanato. Isso enriquece muito uma feira." Ângela: "Gostaria de fazer uma pergunta à Neide e à Zélia porque as duas falaram que são de Ouro Preto e expõem em Belo Horizonte. É interesse dos artesãos a situação oposta? Os artesãos de Belo Horizonte virem expor em Ouro Preto?" Alguém que não se identificou: "Eu sou contra porque nós temos que abrir espaço para o ouropretano, para quem está aqui e para quem está convivendo, aprendendo e deixando as experiências aqui. Acho que como convidados, de vez em quando, podemos pensar nesta interação de feiras." Vereador Ariosvaldo Figueiredo Santos Filho: "Dona Ângela, a sistemática de diálogo assim não tem se revelado muito boa. É melhor a senhora expressar a opinião dela e as pessoas que tiverem opinião diferente se inscrevem e falam. Essa sistemática não é boa. A senhora fala; ela responde e aí o outro fala, sendo que desta maneira nós saímos do circuito. É melhor a senhora dá opinião. Quem divergir que depois se manifeste." Ângela: "Não é uma opinião; é um questionamento. Eu gostaria de saber se os artesãos de Ouro Preto queriam a situação oposta." Vereador Ariosvaldo Figueiredo Santos Filho: "Está vendo? Desta maneira todos querem falar. A Dona Euzébia já quer se manifestar. Eu lhe pediria, Dona Euzébia, que a senhora se inscreva." Ângela